

4 Resultados

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos por meio da análise das narrativas, de forma a entender o significado de luxo para esses consumidores.

4.1. Uma iniciação ao tema

Hoje eu sou rica, graças a Deus (Neide).

Afinal, o que é luxo? Qual o seu significado? Seria o luxo para o consumidor de baixa renda uma questão de autoestima? Demonstração social? Autorrealização? Exteriorização? Imitar as classes mais abastadas? Aumentar distâncias daqueles que são miseráveis? Estaria esse significado presente nas dimensões abordadas por Castarède (2005) e D'Angelo (2004) e nos conceitos trazidos por Castilho e Villaça (2008) e por Allérès (2000)?

Todo significado está inserido em um contexto, sendo dele dependente, de modo que mudanças no contexto podem acarretar mudanças nos significados. Entretanto, a despeito de diferenças contextuais e individuais, um conjunto mínimo de significados é compartilhado pelas pessoas, permitindo a comunicação sobre experiências e objetos (KLEINE III, KERNAN, 1988 *apud* D'ANGELO, 2004).

Tomando como eixo de reflexão a relação do significado de luxo, foi possível perceber que seu entendimento pode ser interpretado de maneira diferente diante do contexto da história de vida dos entrevistados. As experiências vivenciadas pelas pessoas em suas trajetórias aparecem como elemento recorrente de diferenciação da percepção de luxo, da mesma forma que, quando essas experiências são parecidas entre si,

fazem com que a visão sobre o luxo seja compartilhada e muito próxima de um sujeito para o outro.

Nos tópicos a seguir, os diferentes significados de luxo ganham profundidade por meio da análise das narrativas e interpretação das histórias dos informantes.

4.2. Entendendo o significado de luxo

*“Luxo pra mim é ser feliz, isso para mim é um luxo, nem todo mundo é feliz.”
(Lorenzo).*

Conforme abordado na Revisão de Literatura, definir luxo é um desafio, visto que se trabalha com elementos abstratos e subjetivos por natureza. Assim, de acordo com Casterède (2005), o luxo é relativo e cada indivíduo o vê a seu modo.

O luxo foi mencionado de várias maneiras ao longo das entrevistas, com seu significado associado a conforto, qualidade de vida, simplicidade, facilidade, sentir-se bem, tudo que foi comprado com o suor, poder comprar o que quiser naquele momento, o que não se pode ter, supérfluo, desnecessário, excesso, ter uma vida melhor, ter saúde, ser feliz. São várias as formas de entender o luxo, definido por concepções provenientes do campo do imaginário dos entrevistados e construído a partir de sua visão de mundo.

Ao analisar as narrativas, percebe-se que estas concepções tendem a estar relacionadas à história de vida e às experiências vivenciadas pela pessoa ao longo de sua trajetória. Para aqueles que enfrentaram dificuldades financeiras e sofreram de carência material ao longo da vida, o luxo tem um significado diferente da definição tradicional trazida por vários autores, na qual o luxo pode ser representado como um misto do que é escasso e caro, com o que é supérfluo e não comum; uma maneira de satisfazer as fantasias (CASTARÈDE, 2005). Para essas pessoas, o consumo de bens de luxo está muito mais atrelado a uma satisfação pessoal e íntima, tal como apresentaram Lipovetsky e Roux (2003) e Castarède (2005), do que como representante de um status (SIMMEL, 1957; VEBLEN, 1988; ALLÉRÈS 2000; MCCRACKEN, 2003).

Por outro lado, para os entrevistados que passam por restrições orçamentárias, porém nunca enfrentaram as mesmas necessidades básicas dentro de casa, o significado do luxo se aproxima da visão tradicional com a qual geralmente se depara na literatura: o luxo como sinônimo de caro, raridade, dotado de qualidade superior, esteticamente bem elaborado, esnobe, associado a uma marca famosa e adquirido por uma clientela especial (DUBOIS, PATERNAULT, 1997; KAPFERER, 1997).

Decorrente da identificação dessas distinções, os entrevistados foram divididos em dois grupos: **Passado Sofrido** e **Passado sem Fatura**. A Tabela 1 apresenta o perfil desses entrevistados.

Grupo 1 – Passado Sofrido				
Nome	Idade	Ocupação	Renda Familiar	N° Pessoas na Família
Regina	52 anos	Doméstica	R\$ 3.200	2
Rosélia	60 anos	Do lar	R\$ 1.100	2
Neide	34 anos	Doméstica	R\$ 1.300	3
Celita	41 anos	Boleira	R\$ 2.000	5
Luciano	53 anos	Artesão	R\$ 1.000	1
Grupo 2 – Passado sem Fatura				
Nome	Idade	Ocupação	Renda Familiar	N° Pessoas na Família
Letícia	18 anos	Estudante	R\$ 1.500	2
Daniela N.	30 anos	Estudante Univ.	R\$ 2.500	4
Taíssa	22 anos	Vendedora	R\$ 2.000	3
Nicole	21 anos	Estudante Univ.	R\$ 3.500	3
Daniela A.	21 anos	Estudante	R\$ 1.800	7
Alves	53 anos	Motorista	R\$ 1.500	1
Lorenzo	26 anos	Op. Transito	R\$ 2.000	3
Geraldo	59 anos	Motorista	R\$ 1.350	1

Tabela 1: Participantes da Pesquisa
Fonte: Própria

Observando-se a história de vida do grupo **Passado Sofrido**, nota-se muita carência material e de necessidades básicas. Abaixo, alguns depoimentos mais marcantes da trajetória de vida do primeiro grupo:

Regina teve uma infância muito pobre. Sua vida começou a melhorar quando veio morar no Rio de Janeiro, trazida pela irmã que trabalhava para uma família de militares.

“Era uma família de militares, que vinha também lá de Valença (...) eu já não tava mais aguentando passar necessidade lá, eu agarrei ela [a irmã] e falei: você me leva ou eu fujo, que não tô aguentando mais passar aperto (...) a gente passava muita fome (...). Antigamente, na minha infância, não tinha nada. Nada, nada, nada, nada. Nada mesmo. Fui mesmo paupérrima (...). Eu cheguei a ser pedinte, ficava nas paradas de ônibus lá no interior, as pessoas iam lanchar, pagavam pra gente, entendeu?” (Regina).

A história de Neide é muito parecida com a da Regina e dos demais entrevistados desse grupo.

“A minha vida era muito pobrezinha, eu passei muita fome com a minha mãe (...). A minha infância foi muito pobre mesmo... (...).Eu tinha 8 anos, e para conquistar um prato de comer pra mim e minha família...eu botava um banquinho para lavar a louça em troca de um prato de comida....eu ia pra casa e desse prato dividia para todos nós....que eram 6 pessoas na casa” (Neide).

No grupo **Passado sem Fatura**, as histórias de vida são bem diferentes, não tendo sido relatadas as mesmas dificuldades vivenciadas pelo primeiro grupo. Assim, relatos de “engravidei cedo e tive que largar os estudos”, “casei cedo”, “meus pais se divorciaram”, “problemas de família”, dentre outras dificuldades não voltadas à carência material, foram observadas. Duas narrativas ilustram a história de vida desse grupo.

“Ah, eu fui mãe cedo, tive meu filho com 17 anos... (...) até hoje eu não tenho muito tempo pra estudar, terminar, né, que eu não terminei os estudos” (Taíssa).

“Ah, eu não nasci aqui (...) depois com sete anos, os meus pais se separaram e eu fui morar na Bahia, minha vida mudou completamente. Aí muita briga com a minha mãe, porque lá todo mundo casa cedo, tem filho cedo, e cresce para ser dona de casa, e eu não queria isso (...). Voltei pra morar com meu pai porque eu queria uma escola boa, eu queria fazer vestibular” (Nicole).

Nota-se que as dificuldades não são decorrentes de carência material, como no grupo **Passado Sofrido**, mas o desejo de itens supérfluos, como pode ser observado nos depoimentos abaixo.

“Tipo, antes eu não tinha celular, hoje eu tenho (...). Mas assim, sentia falta de mais coisas que eu queria pra mim mesmo sabe(...) porque na minha casa tinha tudo, faltar mesmo nunca faltou nada importante” (Letícia).

“Minha mãe sempre me deu tudo, graças a Deus nunca me faltou nada, mas era sempre muito contato, sabe? Nunca veio muito fácil, tipo, bicicleta eu demorei muito para ter uma bicicleta” (Taíssa).

Mas, afinal, como cada um dos grupos interpreta o conceito de luxo? As percepções de luxo entre ambos os grupos apresentam-se de forma muito distinta, no entanto algumas particularidades do conceito de luxo estão presentes no discurso de integrantes de ambos os grupos.

Iniciando com a análise das narrativas do grupo **Passado Sofrido**, pode-se dizer que o significado de luxo está relacionado ao conforto, sentir-se bem, ter qualidade de vida, facilidade, características atribuídas a todos os produtos conquistados com o próprio dinheiro e esforço próprio. Nas palavras de Regina:

“Luxo é o que eu posso me dar, entendeu? Mas que me satisfaz (...). É não ter que me privar das coisas, como era antigamente”.

Para esses entrevistados, o luxo não está relacionado à ostentação, mas à auto-realização, podendo ser entendido como uma compensação a um passado de privações materiais. Algumas citações servem para embasar o que foi dito anteriormente.

“Luxo... luxo pra mim é uma coisa que a gente sente bem, sabe. Pra mim é ter uma vida boa, é ter comida na mesa, é assim... ter uma roupa decente para sair, um calçado sabe... é poder comprar alguma coisa e falar que fui eu que comprei, é o meu luxo, é o meu suor. Pra mim é ter conforto pra mim e a minha família (...). Os produtos que eu tenho hoje... é um suor totalmente bom mesmo, então é uma coisa valiosa (...) eu me sinto bem, me sinto realizada, tipo... eu consegui, sabe?” (Neide).

“Luxo pra mim é qualidade de vida, é a pessoa ter um espaço para morar, entendeu? (...). Eu acho, quando a gente tem uma coisa que a gente dá valor, a aquilo, sei lá, está ali embutido uma razão de ser, uma história, eu acho isso um luxo (...). Pra mim luxo é tudo que eu comprei com o meu suor”(Luciano).

Por outro lado, os entrevistados do grupo **Passado sem Fatura**, apesar de moradores da mesma comunidade, têm um ideal diferente no que diz respeito ao luxo, entendido como excesso, supérfluo, ter dinheiro, não preocupação, conforto, vaidade, diferenciação, expressões amplamente repetidas ao longo das narrativas de todos os entrevistados e relacionadas a produtos mais caros e, muitas vezes, de difícil acesso.

“Luxo pra mim é dinheiro, né? Lógico (...). Luxo pra mim é uma coisa caríssima, um anel de diamantes, pelo menos (...) um abajur de cristal... (...). Luxo é ter dinheiro em conta, sei lá, é ser um Justin Bieber da vida, ter uma Ferrari...” (Daniela).

“Luxo é a pessoa ter tudo o que ela quer, viajar para tudo quanto é canto, essas coisas....comprar tudo o que ela quer sem se preocupar, para mim isso é luxo (...) Luxo é uma banheiro de hidromassagem, televisão de 60polegadas, essas coisas fúteis, pra mim isso é luxo” (Letícia).

Assim, enquanto que para o grupo **Passado Sofrido** o luxo pode ser associado a todos os produtos comprados com suor, essa mesma percepção não faz parte do grupo **Passado sem Fatura**, como Taíssa relatou:

“Acho que luxo é quando vem muito fácil (...). Agora, das coisas que a gente compra, assim, com o suor, que a gente trabalha pra ter, eu não acho que seja luxo, porque a gente trabalha tanto para ter, entendeu? (...). Nada conquistado com muito trabalho, esforço, acho que seria luxo não”.

Surge, ainda, uma forma complementar de perceber o luxo, observada nas narrativas de Regina e Celita, grupo **Passado Sofrido**: luxo pode ser percebido também como a aquisição de produtos ainda não consumidos pelos vizinhos da comunidade:

“Ai, eu considero a minha secadora um luxo, porque assim, muita gente da comunidade aqui ainda não tem (...). Eu sou uma pessoa orgulhosa de mim e agradecida a Deus por tudo que eu conquistei, eu acho isso um luxo” (Celita).

“Máquina de lavar é um luxo, porque tem gente que tem que ficar lá no tanque, né, ainda existe muito isso, né” (Regina).

Observa-se também nesse grupo pontos interessantes a serem destacados, como o luxo sendo associado ao: diferente e ter criatividade, conceitos trazidos por Luciano; e o luxo como: personalidade, caráter e a forma de tratar as pessoas, trazidos por Neide, pontos não observados no grupo **Passado sem Fatura**:

“O luxo pra mim não é só as coisas que a gente compra e a gente tem na nossa casa sabe, vai, além disso”.

No entanto, luxo como sinônimo de saúde, bem-estar, conforto e beleza, foram termos trazidos pelos entrevistados nas narrativas de ambos os grupos. Nas palavras de Daniela, *“não adianta ter dinheiro e não ter saúde, né?”*. A relação do luxo com a beleza, no entanto, é ainda mais destacada pela entrevista, porém percebida de forma diferente por ambos os grupos. A seguir, passagens que mostram como o grupo **Passado Sofrido** entende essa relação.

“Ah, o luxo tem a ver com a beleza (...). Se você ver um relógio na vitrine, por exemplo, e o relógio for bonito, é um luxo. O meu, olha, é de luxo (...) eu gosto dele, e foi baratinho, 25 reais”.



Foto 1: Relógio de Rosélia

Em contrapartida, o grupo **Passado sem Fatura** entende a relação do luxo com a beleza de forma diferente, associada a itens mais caros e de marca famosa, como destacou Allérès (2000), podendo o luxo ser entendido também como sinônimo de beleza, de estética e refinamento: *“Sei lá, acho que a pessoa se sente mais bonita, mais elegante (...) só por ser de uma marca de luxo”* (Letícia). Assim, para essas pessoas, a marca torna-se um elemento fundamental, como pode ser observado novamente no discurso de Letícia: *“Objeto de luxo? Não sei, acho que bolsas Louis Vuitton, sapatos, tudo do melhor”.*

Nota-se que essas pessoas não têm necessidade do sofisticado, esmerado, nem de objetos caros, sendo o simples para eles já suficiente. A beleza não está relacionada às marcas famosas ou a uma beleza socialmente aceita, mas voltada a satisfazer um desejo pessoal, como trazido por Luciano: *“Não, não precisa ser chique, uma casa simples mesmo, eu acho muito bonito, uma casa arborizada, tem a natureza (...) isso eu acho chique, luxo, né? (...)”.* Regina compartilha dessa mesma visão de simplicidade: *“Luxo é o máximo que eu posso me dar, mas que me satisfaz (...). O pouco que tenho pra mim é muito”.* O discurso de Rosélia também é muito rico para ilustrar: *“Pra mim o luxo não é o valor das coisas, é aquilo que a pessoa gosta”.*

Tomando como base a percepção dos entrevistados do grupo **Passado sem Fartura** sobre o conceito de luxo, estas pessoas não consideram ter objetos de luxo em suas casas, ou pelo menos não se lembram no primeiro momento de conversa, diferentemente do grupo **Passado Sofrido**, que entende o luxo na simplicidade dos objetos.

“Não, eu acho tudo normal, não tenho um abajur de cristal, não tenho um diamante, mas é o básico (...).Eu não tenho produtos de luxo... (...)” (Daniela A.).

Adiante, em outro momento da entrevista, Daniela A. acrescenta:

“Notebook para mim é necessário, porque eu estudo na área, né? (...) Até seria assim [luxo], porque o meu é bem avançado, é da Dell, foi comprado com carinho, táí, pronto, meu notebook é um objeto de luxo”.

Essa questão da necessidade também se encontra presente no discurso de Lorenzo, Alves e Taíssa:

“Objeto de Luxo? Eu acho que eu não tenho objeto de luxo...eu tenho uma moto, e isso é uma necessidade, isso já não é luxo pra mim” (Lorenzo).

“Na minha casa eu não tenho objeto de luxo não, geladeira é uma necessidade, tem que ter uma geladeira, ter um fogão, de luxo eu não tenho nada, nem televisão eu tenho...” (Alves).

“Na minha casa eu acho que não tem coisa de luxo, não” (Taíssa).

A tabela 2 resume os itens considerados como sendo de luxo pelos entrevistados de cada grupo.

Grupo 1 – Passado Sofrido	
Regina	Microondas, televisão, som.
Rosélia	Relógio, televisão, máquina de lavar
Neide	Televisão, som, geladeira, bolsas, armário
Celita	Fogão, máquina de lavar, televisão
Luciano	Casa, objetos de arte, gravador antigo
Grupo 2 – Passado sem Fartura	
Letícia	Nenhum produto (Depois cita o iPhone)
Daniela N.	Nenhum produto (Depois cita o Notebook)
Taíssa	Nenhum produto
Nicole	Nenhum produto
Daniela A.	Computador
Alves	Nenhum produto
Lorenzo	Nenhum produto (Depois cita televisão de 60")
Geraldo	Nenhum produto

Tabela 2: Produtos considerados de Luxo pelos Entrevistados
Fonte: Própria

Essa mesma percepção é válida também para os vizinhos da comunidade, que, na visão dos entrevistados, não possuem quaisquer objetos de luxo: *“Se alguém aqui tivesse luxo, não moraria numa comunidade”* (Daniela). Letícia complementa: *“Meus vizinhos também não, acho que ninguém aqui na comunidade vai ter luxo... só se ganhar e tal”*. Segundo Taíssa: *“Eu acho que na comunidade também nada seja de luxo”*. Ou ainda na fala de Alves: *“Não, os meus vizinhos aqui não tem luxo. Todos aqui vivem muito parecidos, acho que ninguém aqui tem luxo sabe”*.

Surge ainda outro ponto que merece destaque: a questão da compensação. Nota-se, que para o grupo **Passado sem Fartura**, luxo não é percebido como uma compensação do que não se tinha no passado, como para o **Passado Sofrido**, como pode ser observado no discurso de Letícia:

“Acho que não, não tenho nenhum objeto de luxo não (...). Ah, [o celular] pra mim é luxo. Mas não é porque antes eu não tinha e agora eu tenho não. É porque hoje em dia todo mundo quer ter esse celular (...). Assim, celular pra mim não é luxo, mas o iPhone até pode ser sabe, porque pra mim é o melhor que tem”.

Esses entrevistados possuem pequenos luxos por eles considerados como luxos mais simples, mas que, nas palavras de Lorenzo, “*não deixa de ser um luxo*”. Letícia compartilha dessa mesma visão:

“Ah, Louis Vuitton é mais entendeu, mais elevada... mais alto nível eu acho. Assim o iPhone agora até que tem muita gente que tem né, mas Louis Vuitton assim é difícil. Só da alta mesmo. Tipo assim, os dois são luxo sabe, mas um nível diferente de luxo....acho que o iPhone (...) não é muito luxo assim, mas não deixa de ser luxo”.

Percebe-se na gradação de luxo de Allérès (2000) que o iPhone, o notebook e a televisão poderiam ser considerados um luxo acessível, que atende às demandas hedonistas do indivíduo. O luxo intermediário, por sua vez, também foi observado nas narrativas do grupo **Passado sem Fartura**, uma vez que os entrevistados reconhecem o luxo como oriundo da aquisição de carros importados, casas de praia, bolsas Louis Vuitton. Por fim, notou-se presente o terceiro nível de luxo, o luxo inacessível, formado pela alta joalheria, sendo itens de colecionadores e que podem ser herdados ao longo de gerações, como entendido por Daniela.

No entanto, os entrevistados do grupo **Passado sem Fartura** reconhecem tais hábitos como representantes do luxo, mas não para si mesmos, como complementa Letícia: “*Sabe... só coisa que não é da nossa realidade entendeu?*”. Esse tipo de luxo é reconhecido, portanto, como negativo, desnecessário, supérfluo, uma vez que está vinculado ao exagero e ao desperdício, conforme observado na narrativa de alguns entrevistados:

“Eu acho desnecessário, acho que tem tanta gente precisando, não tem o que comer, não tem onde morar, e a pessoa assim, com um monte de carro na garagem, que não anda...” (Taíssa).

Nota-se nas narrativas do grupo **Passado Sofrido** o valor simbólico atribuído a produtos considerados de luxo. Ahuvia (2005) sugeriu que algumas posses são especiais, objetos amados por seus donos, associados à história do indivíduo, ao contexto em que foram adquiridos ou às ocasiões em que foram usados, o que os torna dotados de significados individuais, difíceis de serem transferidos. Isso pode ser percebido a seguir nos discursos de Regina e de Luciano.

“Eu tenho um carinho muito especial pelo meu microondas, que foi o primeiro que eu comprei, não foi o Lourenço [marido] que foi lá tirar, fui eu (...). Meu filho outro dia até queria um, eu falei “não”, leva o outro, porque esse daí foi a minha primeira compra (...). E ele tá aí, vai ficar aí, rs. Esse fica aí” (Regina).

O microondas não é mais usado e está no chão da casa, debaixo de um móvel no canto da cozinha. Apesar de estar sem utilidade, Regina não se desfaz do item, que tanto representou em sua vida.



Foto 2: Microondas de Regina

“Às vezes não é a coisa mais valorosa, às vezes tem muito valor, às vezes tem pouco valor, mas eu acho que o luxo não está no valor, no valor material, é mais no sentimental (...). Luxo pra mim são os objetos que possuem uma história, sabe? Até o meu gravadorzinho é um luxo, porque é uma coisa que me marcou, o primeiro que eu comprei, enfim...” (Luciano).



Foto 3: Gravador de Luciano

O valor simbólico também encontra-se presente no grupo **Passado sem Fartura**. Para Nicole:

“luxo no sentido de dinheiro eu não considero que eu tenha (...) mas em questão sentimental sim (...) tem um objeto que está aqui tem muito tempo, é aquele porta-retrato, tem o meu pai e minha irmã, também tem aquele ferro ali, está aqui desde que a minha mãe morava aqui”.



Foto 4: Ferro de Nicole



Foto 5: Porta-Retrato de Nicole

Observa-se nitidamente o valor simbólico dos objetos. O ferro que Nicole guarda em sua sala, apesar de não ter função utilitária, mantém-se presente na mesa de centro da casa, uma recordação do passado, como o porta-retrato.

No entanto, apesar da valorização que os entrevistados de ambos os grupos dão aos produtos considerados de luxo, foi observada uma diferença entre eles. O grupo **Passado Sofrido** não dá tratamento diferenciado aos objetos considerados de luxo. Afinal, para esse grupo, todos os produtos comprados com esforço e suor podem ser considerados como luxo.

“Tudo o que eu compro, eu tenho muito cuidado, porque se estragar vai demorar para comprar novamente, então, eu tenho que prevenir hoje e não amanhã” (Neide). Regina complementa: “Às vezes eu ganho coisas boas dos patrões, mas eu não trato diferente da minha roupinha simples, que eu compro...”.

Por outro lado, para o grupo **Passado sem Fartura**, os produtos de luxo são tratados de forma diferente dos demais, como pode ser observado no discurso de Daniela N: *“Eu trato ele [notebook] como se fosse meu marido (...). Eu trato ele diferente, sempre tive muito carinho pelos meus computadores”.*

Vale ressaltar que o grupo **Passado Sofrido** acredita que o luxo que possuem é acessível a todos, basta a pessoa querer e lutar. São contadas as histórias de superação para os filhos e amigos mais próximos da comunidade, como exemplos de vitória e conquista.

“Exatamente, a pessoa pode vencer (...) eu sou uma vencedora, com certeza (...). Meu pensamento é esse, todo mundo poderia ter, basta lutar...eu falo pras pessoas que elas podem ter, que vão chegar lá, eu demorei, mas eu consegui. Meu pensamento é esse, que as pessoas consigam” (Regina).

“Quando a gente quer a gente tem poder (...). Quando eu quero uma coisa, eu vou lá e consigo, tem que ter perseverança, né? Se você está querendo uma coisa, se você não batalhar por aquilo que você quer, o que você vai conseguir, né?” (Rosélia).

Essa percepção, no entanto, já não ocorre da mesma forma no grupo **Passado sem Fartura**, que não acredita que o luxo possa ser acessível a todos apenas com esforço: *“Eu acho que o luxo chega fácil, quando a pessoa nasce em berço de ouro...” (Taíssa).*

Também emergiram ao longo das entrevistas outros aspectos relacionados a comidas e roupas que seriam considerados como luxo. Em relação a comida, nota-se diferenças entre os grupos. No grupo **Passado Sofrido**, comidas de luxo são simples, consumidas no dia a dia, não são aquelas servidas apenas em ocasiões especiais. No entanto, comida de luxo é a comida que eles gostam, que apreciam comer:

“Comida de luxo? Vou te falar uma comida, que essas crianças aqui, todo final de semana pedem... tem que ter macarrão com salsicha ou carne moída (...). É luxo porque elas gostam demais” (Rosélia).

“O que eu como no trabalho, eu como aqui também, não precisa ser em ocasiões especiais, tudo isso é luxo” (Regina).

O grupo **Passado sem Fartura** tem o mesmo entendimento em relação à comida, no sentido de, para ser luxo, precisa ser uma comida que eles gostem de comer. No entanto, a diferença entre os grupos se dá pelo número de vezes que é possível comprar aquela comida. Enquanto que para o grupo **Passado Sofrido** comida de luxo seria a comida que se come no dia a dia com prazer, para o grupo **Passado sem Fartura** comida de luxo seria a comida comprada eventualmente, mas muito apreciada:

“Eu não acho caviar um luxo (...) não acho porque não gosto. Já comi, mas sei lá, não vejo graça (...). Camarão é luxo pra mim. Tipo, é luxo porque ele é caro para comer todos os dias (...) e é mais gostoso que caviar. Pra ser luxo, tem que ser uma comida que eu goste” (Daniela).

“Ah, às vezes a gente compra camarão, dá para comprar uma picanha, comidas mais luxuosas sabe. Não é sempre, mas de vez em quando a gente come sim” (Letícia).

Com relação ao universo das roupas, para o grupo **Passado sem Fartura**, o luxo não está vinculado à etiqueta, mas sim ao que “cai bem no corpo”, no visual:

“Para mim, bastou cair bem no corpo, eu não tenho esse lance de marca não”, eu compro em qualquer lugar” (Regina).

Para o grupo **Passado sem Fatura**, a moda está presente quando se pensa em vestuário de luxo: *“Tipo, com roupa e tal, eu gosto de fazer o meu estilo sabe, eu pego o que tem na moda e faço o meu estilo (...)”*. (Letícia). Daniela complementa: *“Eu acho que a pessoa vai pela grife, vai pelo nome, vai pela marca”*.

A tabela 3 resume a percepção de luxo de ambos os grupos para comida e para o universo das roupas.

Percepção de Luxo para Comida	
Grupo Passado Sofrido	Grupo Passado sem Fatura
Comidas simples do dia a dia, que eles apreciem comer.	Comidas que podem ser consumidas esporadicamente, no entanto, que eles apreciem comer.
Percepção de Luxo para Roupas	
Não tem relação com a marca	Importância da marca

Tabela 3: Percepção de Luxo para Comida e Roupas
Fonte: Própria

Percebe-se, portanto, a diferença da percepção do que é um bem de luxo. Castarède (2005) e Allèrès (2000) apontaram nuances que diferenciam um objeto de luxo, levando-nos a entender que nem todo luxo é igual. De fato, para o grupo **Passado sem Fatura**, o conceito de luxo vai do luxo acessível ao luxo intermediário, até atingir o luxo inacessível.

Para o **Passado Sofrido**, por sua vez, luxo é diferente do tradicional ou do novo luxo apresentado por Silverstein e Fiske, (2003). Nas narrativas, os produtos considerados como sendo de luxo são bens presentes no dia a dia e que servem como um agrado, uma satisfação pessoal, representando muito mais a individualidade do que uma tentativa de diferenciação: *“Poder comprar o que eu quero naquele momento”* (Rosélia); *“Ter o que a gente quer ter”* (Neide).

4.3. O sentido do luxo e motivações para compra

*“Tem gente que acha que vai ser mais feliz com o luxo”
(Luciano, grupo Passado Sofrido).*

Dubois e Duquesne (1993) identificaram duas motivações para a compra de produtos de luxo. Na primeira, mais próxima à teoria do consumo conspícuo, a ostentação é a motivação principal, sendo fundamentais os aspectos tangíveis como preço, design e qualidade fundamentais. Na segunda, relacionada às teorias recentes de comportamento do consumidor, a compra e a utilização de objetos de luxo oferecem possibilidade de extensão do *self* e de expressão de valores individuais ou de grupo, enfatizando o caráter simbólico.

Essas duas formas de perceber o luxo são identificadas nas narrativas dos entrevistados, diretamente relacionadas a motivações de compra diferentes nos dois grupos: para o **Passado Sofrido**, luxo é um prazer pessoal e não uma forma de ostentação.

“Para mim luxo é... não é para comprar e mostrar para os outros não. O meu luxo é eu saber que eu posso comprar, entendeu? É ter o dinheiro para ir lá e comprar...”(Neide).

“[Compro] pra mim mesma (...) satisfazendo o meu “eu” mesmo. Eu não me importo com vizinho não (...). Não é aquela coisa de me mostrar, eu nunca fui assim” (Regina).

Apesar de não quererem ostentar, os entrevistados do grupo **Passado Sofrido** ficam felizes e sentem-se orgulhosos com elogios. *“Eu gosto de elogio, quem não gosta, né?”* (Neide). Luciano complementa: *“Eu fico satisfeito né? Porque quando uma pessoa faz um elogio, ela está dizendo pra mim que eu tenho bom gosto e tal, eu me sinto bem”.*

No entanto, eles acreditam que as pessoas ao seu redor têm percepção diferente de luxo:

“A gente vê as pessoas numa ditadura que você tem que usar aquilo, aquilo outro, que é bonito, né? As pessoas tendem a fazer muito isso, as coisas que ‘está’ na revista, na moda... (...) luxo pra mim é diferente, eu não vejo assim como as pessoas falam, ah, luxo porque está usando as coisas, digamos assim, de última geração” (Luciano).

“Muitos querem ser melhor do que os outros... se um tem um objeto, o outro quer comprar um melhor do que ele, entendeu? O luxo deles é esse, olhar o que não tem e querer comprar o melhor, mais para ostentar, sabe” (Neide).

Quando Neide e Luciano referem-se aos “outros”, a comparação é dentro da própria comunidade: *“(...) para ser melhor aqui dentro mesmo. Não tem nada a ver com lá fora, é aqui dentro mesmo (...). O luxo deles é isso”.* (Neide). Para Luciano, o comportamento dos outros em relação ao luxo vai além:

“As pessoas que tendem a viver no luxo são as pessoas que tem um vazio, que o luxo pra mim é uma coisa que não preenche, entendeu? Ele disfarça alguma coisa na vida da pessoa, mas não preenche, é uma coisa que eu vejo, não serve pra mim”.

Para o grupo **Passado sem Fatura**, a importância é dada para o que as outras pessoas estão pensando, a imagem passada aos demais, à ostentação, o que se assemelha à percepção que o grupo **Passado Sofrido** tem dos vizinhos.

“O luxo tem a ver com ostentação sim, tem, tem sim, com certeza tem” (Daniela).

A importância da ostentação é ainda mais clara nas narrativas de Letícia e Lorenzo:

“Eu acho que [luxo] é para mostrar para as pessoas (...). Se eu pudesse eu seria assim, com certeza (...). Pra mim assim, se eu pudesse mais, e se eu pudesse mostrar algo eu ia mostrar. Imagina chegar numa festa num carrão, já de cara tudo vai ser diferente sabe. As pessoas vão tratar você melhor, é tudo melhor” (Letícia).

“Eu acho que serve para ostentar sim, porque quem tem luxo quer ostentar, quer mostrar que tem. Eu acho que luxo serve um pouco para isso sabe... (...) Se eu tivesse talvez um colar desses [de ouro] ia gostar de usar com certeza. Porque, poxa, a diferença de você chegar num local, vamos dizer assim, cru, sem relógio, sem cordão...(...) pode chegar até sem dinheiro no bolso (...) mas se tiver um cordão, um relógio, alguma coisa que chama atenção, é assim, esse cara, ele já vai estar dois passos à sua frente...” (Lorenzo).

A tabela 4 resume as diferentes motivações para compra de produtos considerados de luxo.

Motivações para Compra de Produtos de Luxo	
Grupo Passado Sofrido	Grupo Passado sem Fatura
Auto-realização, satisfação do “eu”.	Ostentação, importância da imagem.

Tabela 4: Motivações para compra de Produtos de Luxo

Fonte: Própria

Qual é, então, o sentido do luxo? Para o grupo **Passado sem Fatura**, apesar do sentido do luxo estar relacionado à ostentação, tem a conotação negativa, algo desnecessário e supérfluo, vinculado ao exagero:

“É realmente... para que serve né... não leva ninguém a nada ter uma bolsa dessas [Louis Vuitton], só por luxo mesmo. Mas elas são lindas” (Letícia).

“É... pra que serve? Pra esbanjar, né?” (Taíssa).

Retomando os conceitos de Allérès (2000), percebe-se que no grupo **Passado Sofrido** o luxo manifesta-se nas três dimensões fundamentais, a funcional, cultural e simbólica, não sendo evidenciada, entretanto, pela sua dimensão social. Assim, a distinção não é relacionada às outras pessoas da comunidade, mas ao próprio passado.

Por outro lado, para o grupo **Passado sem Fatura**, o luxo manifesta-se nas quatro dimensões, estando incluída a dimensão social, evidenciada pelos desejos de distinção e de imitação, outra razão pela qual itens são adquiridos. Taíssa, por exemplo, deseja comprar um Tablet para o seu filho de 5 anos simplesmente pelo fato de outras crianças possuírem o produto:

“Pra ele ficar igual as outras crianças, foi por isso que eu quis dar (...) Ele nem precisa, não sabe nem mexer” .

Percebe-se a importância do luxo para o grupo **Passado sem Fatura**, no que diz respeito a pertencimento, a imitação, a comparação e a autoestima:

“Não quero ficar abaixo das pessoas... eu sempre achei assim, que você vê aquela pessoa que tem aquela roupa e quer ter... tipo, porque ela pode e eu não, entendeu?” (Letícia).

No dia em que Letícia comprou o tão sonhado iPhone, ela se sentiu, em suas próprias palavras:

“Eu me senti, tipo mais acima das pessoas, entendeu? (...) Eu me senti melhor do que as outras pessoas”.

Lorenzo também destacou o efeito sobre a auto estima:

“Eu acho que o luxo, te bota ali em cima (...)”.

De forma geral, parecem existir dois tipos de consumo: o exibicionista, quando o condutor das decisões de compra é guiado pela ostentação e pela preocupação com a imagem, observado no grupo **Passado sem Fatura**; e o consumo do prazer, menos amarrado às convenções sociais e às preocupações com a opinião dos outros, evidente no grupo **Passado Sofrido** (WONG, AHUVIA, 1998). Assim, o sentido do luxo e a motivação de compra mostram-se diferentes nos grupos - para o grupo **Passado Sofrido**, luxo é um prazer pessoal e não serve para ostentação. Para o **Passado sem Fatura**, vai além do próprio prazer, sendo visto como algo diferenciado, passando pela necessidade até a aquisição de supérfluos e o desejo, em alguns casos, de ter coisas que eles próprios consideram como inatingíveis.

Pode-se dizer, portanto, que a paixão pelo luxo não é somente alimentada pelo desejo de ser admirado, de inspirar inveja, de ser reconhecido pelo outro, mas também sustentada pelo desejo de admirar a si próprio e deleitar-se consigo mesmo. Ao dar força ao instinto individualista, o desejo pelo luxo reaparece como forma de cada um sentir-se diferente (LIPOVETSKY, 2007).

4.4. Luxo, sonho ou necessidade?

“Eu vejo o luxo como uma coisa palpável, mas o sonho é uma coisa mais da alma né” (Luciano, grupo Passado Sofrido).

Algumas definições envolvem o significado original da palavra latina *luxus*, que significa ostentação, magnificência. Outras apresentam luxo como “supérfluo, que passa dos limites do necessário”, ou “o que agrada aos sentidos sem ser necessidade” (MICHAELIS, 2010). Fica uma dúvida:

Se luxo é o que supera as necessidades, o que seria a necessidade, considerando a vida moderna? (D'ANGELO, 2006).

Duas categorias de necessidades propostas por Allérès (2000) coexistem: as absolutas, que correspondem às necessidades vitais, satisfeitas por bens de primeira necessidade (alimento, proteção, etc.) e as relativas, nascidas no imaginário e satisfeitas por bens mais refinados, por vezes supérfluos.

Os entrevistados do **Passado Sofrido** se enquadram nas necessidades absolutas de Allérès, pois para eles o conceito de luxo está voltado para objetos do dia a dia ligados a conforto, autorrealização, facilidade e simplicidade, associado a bens de consumo básicos adquiridos através de superação, com resultados de seu esforço e trabalho. O luxo não é importante. A necessidade, por sua vez, é urgente, imediata.

“Ah, o luxo pode esperar, o luxo você ainda pode deixar para trás, esperar. A necessidade é aquilo que você necessita primeiro” (Regina).

“Necessidade é uma barra... poder comer hoje de manhã e a noite não tem, essas coisas são necessidade” (Neide).

Dessa forma, o luxo aproxima-se da necessidade ou, em alguns casos, pode ser entendido como sinônimo de necessidade, conforme citações a seguir:

“Necessidade pra mim, é a maior necessidade que a gente tem mesmo, é ter uma casa ter uma condição de mantê-la, né? Alimentação, lazer, essas coisas, isso eu acho que é uma necessidade. Então assim, necessidade é essas coisas básicas, né...pra mim é luxo também” (Luciano).

“A máquina de secar (...) é para mim uma grande necessidade, e ela se torna um luxo para mim pelo valor que vem a minha conta em casa, e eu poder pagar uma conta, porque é uma necessidade...” (Celita). Em outro momento, Celita complementa: “Tem luxo que é mais necessário e tem luxo que é mais luxo sabe...”.

Castarède (2005) questiona se luxo é necessidade ou ilusão, uma vez que, em um momento em que metade do mundo está mal nutrida e desigual, a ostentação do luxo ofende e escandaliza. Essa visão é compartilhada por Luciano:

“Esse outro tipo de luxo” é uma “coisa para os olhos”: “Eu acho que luxo é uma coisa mais simples, agora essas outras coisas é ostentação (...) eu vejo uma coisa mais agressiva, que não cabe dentro de um país assim, como o nosso, com tanta desigualdade... a ostentação pra mim é um desperdício”.

Para o grupo **Passado sem Fatura**, luxo aproxima-se das necessidades relativas identificadas por Allérès (2000), uma vez que está relacionado a objetos mais caros, de marcas de prestígio, muitas vezes de difícil acesso, representado inclusive pelo desejo do luxo inacessível. No entanto, apesar de desejado, é considerado por esse grupo como o “não necessário”: *“Luxo é uma coisa sem necessidade...”* (Taissa).

“Luxo é quando uma pessoa faz uma festa e exagera sabe...aí no final sobra tudo, estraga tudo, isso pra mim é um luxo sabe...sem necessidade, um desgaste (...) seria o não necessário, que cause prejuízo, e a pessoa não devia ter usado aquilo” (Alves).

“Necessidade é quando eu preciso de uma máquina [de lavar] pra ser mais prático pra mim, pra quando eu chegar não ter que ocupar muito tempo, pra ter tempo de fazer as coisas (...). Se eu tivesse uma empregada, pra mim seria luxo. Ter uma empregada, ter, vamos dizer, várias televisões, coisas em excesso” (Daniela).

“Eu queria dar um tablet pra ele de presente de aniversário [filho, 5 anos]. Isso, pra mim, seria um luxo, porque ele nem sabe mexer direito (...) Isso é um luxo, uma coisa sem necessidade, uma coisa que ele quebra, nem mexe...” (Taíssa).

Luxo parece ser voltado ao excesso, ou, nas palavras de Taíssa: *“ter aos montes”*. A necessidade não está relacionada às necessidades básicas apontadas pelo grupo **Passado Sofrido**, para quem luxo e necessidade se aproximam. Assim, Luxo, aproxima-se do sonho para o grupo **Passado sem Fatura**.

“Tem aquele luxo que é mais básico, acessível, e tem aquele luxo que é mais luxo mesmo, mais sonho, entendeu?” (Lorenzo).

O luxo mais acessível, *“não deixa de ser um luxo”* (Lorenzo, Letícia). No entanto, alguns entrevistados consideram sonho como distante, difícil de ser realizado. Outros, por sua vez, acreditam que o sonho possa ser algo atingível.

“Acho que sonho é porque é quase impossível de realizar, entendeu? (...) Não é impossível, mas...” (Taíssa).

“Sonhar é fantasiar, o que você quer ter futuramente, são as coisas possíveis de ter, porque eu acho que o sonho acaba depois que a gente morre né? Porque nada é impossível, basta a pessoa querer, se a pessoa quiser e correr atrás, e fazer por onde, consegue sim” (Lorenzo).

Para o grupo **Passado sem Fartura**, sonhos são mais voltados para satisfazer desejos, sonhos tem caráter mais individualista: *“... sonho é mais pessoal” (Letícia).*

“Ah, eu tenho vontade de conhecer Israel, eu tenho vontade de ir na China, tenho vontade de conhecer o Japão (...). O meu sonho, assim...os meus planos é ir lá pra fora ” (Daniela N).

“Ah, eu sonho em (...) daqui uns 5 anos eu já ter a minha casa, começar um relacionamento, me casar na igreja, acho lindo casamento na igreja, tipo vestido enorme, aí eu acho lindo (...) sem dúvidas um luxo, mó festão, entendeu? Pra todo mundo...” (Letícia).

“Gostaria de ter um bom carro novo com ar condicionado (...). Ter um plano de saúde, para mim é luxo também. Na época de férias, poder viajar para fora do Estado, mesmo dentro do Brasil” (Alves).

O grupo **Passado Sofrido**, por sua vez, tem percepção diferente do sonho. Para esses entrevistados, sonho é voltado para ajudar a família, como dar educação de qualidade aos filhos, e não voltado a objetos de luxo. São sonhos simples:

“Ah, os meus sonhos já são realizados, eu já tenho os meus filhos, já tenho os meus netos (...) eu não tenho mais nada que ter não. A única coisa que eu queria, eu seu pudesse dar para eles, é a escola boa, para todos eles, que são 7 netos. Se eu pudesse dar escola para todos eles, que eles pudessem estudar até a faculdade, aí sim, aí eu estaria realizada” (Rosélia).

“Com 53 anos eu não sonho em ter materialmente as coisas. Eu quero poder ajudar assim alguém da minha família (...). Como eu sou um artesão, queria ter um ateliê pra mim passar todos os meus conhecimentos pra eles, entendeu, o que eu aprendi...” (Luciano).

Para Regina, sonho vai mais além, seria ter casa própria para o filho e que ele terminasse os estudos. Os sonhos dela são coisas que ela deseja para o filho, que ela um dia almejou para si.

“Não quero que o meu filho passe pelo que eu passei (...). Tipo, eu não estudei, ele vai estudar, eu vou dar tudo (...). Seria um sonho eu poder amanhã fechar os olhos e ver que ele tem, ah, que ele comprou uma casinha, que ele tá bem”.

O sonho de Regina é o mesmo de Celita, que deseja acima de tudo poder dar educação digna para os filhos.

Sonho para Regina também pode ser algo mais funcional, como comprar uma casa fora da comunidade com documentação correta:

“Então, o meu sonho é um dia ter uma casa plana, que eu vá envelhecendo né...muitas escadas para subir aqui (...). Tem dias que dói as pernas subir”.

Assim, a diferença entre luxo e sonho pode ser entendida de forma diferente. O luxo é atingível, bastando a pessoa trabalhar para conseguir. Os sonhos desse grupo são, portanto, mais funcionais, voltados para a família.

“Sonho é uma coisa que eu acho que é imprescindível no ser humano, sonho sempre...luxo nem tanto (...). Eu vejo o luxo como uma coisa palpável, mas o sonho é uma coisa mais da alma né (...).Eu acho que a gente sonha todo dia, a vida é feita de sonhos” (Luciano).

Portanto, enquanto luxo aproxima-se de necessidade para o grupo **Passado Sofrido**, pode aproximar-se do sonho para o grupo **Passado sem Fartura**, conforme Figura 1:

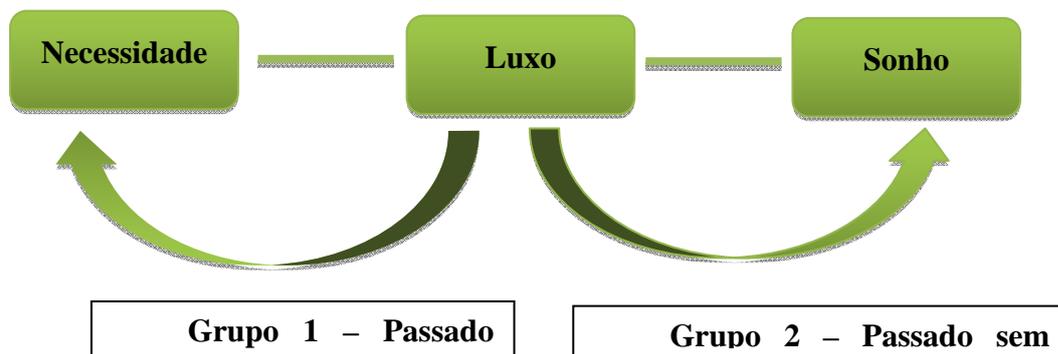


Figura 1- Relação do Luxo com a Necessidade e com o Sonho
Fonte: Própria

Os achados deste estudo podem ser sumarizados na Tabela 6:

Tabela Resumo	
Grupo 1: Passado Sofrido	Grupo 2: Passado sem Fartura
Objetos Simples	Objetos mais Caros
Luxo mais possível e imediato	Luxo distante
Acreditam que o luxo é acessível a todos	Acreditam que o luxo é acessível às pessoas ricas
Luxo mais próximo da Necessidade	Luxo mais próximo do Sonho
Sonhos simples, voltados para a família	Sonhos mais materiais, superfluos, voltados para a pessoa
Auto-Realização	Ostentação
Comida de luxo é do dia a dia	Comida de luxo é eventual
Luxo é para satisfazer o “eu pessoal”	Luxo da vaidade, ostentação, imitação
Luxo visto como positivo	Luxo visto como negativo, supérfluo
Luxo possível	Luxo oriundo de classes superiores

Tabela 5: Resumo Principais Resultados
Fonte: Própria